

**TEOLOGIA, POLÍTICA E HISTÓRIA:  
POR UMA INTERPRETAÇÃO DA TESE VI  
“SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA”<sup>1</sup>**

Gustavo Racy<sup>2</sup>

**Resumo:** As *Teses Sobre o Conceito de História*, de Walter Benjamin, compõem um dos textos mais enigmáticos e comentados até hoje. Escrito durante a tentativa de fuga de Benjamin da França para a Espanha e sob a sombra do pacto de não agressão entre URSS e Alemanha (Molotov-Ribbentrop), as teses receberam inúmeras interpretações vindas de diversas expressões intelectuais. Ainda hoje, as *Teses* apresentam-se como um dos textos mais utilizados por diversas áreas do pensamento, pois nelas estão contidos elementos relativos às mais diversas áreas das Humanidades: História, Política, Cultura, Religião, Filosofia, são todos temas presentes, seja como inspiração seja como objeto, no último texto escrito pelo pensador alemão. Isto fica claro tomando como referência uma das teses centrais do texto, a sexta, sobre a qual esboçaremos aqui uma análise na tentativa de apresentar e articular os diversos temas utilizados por Benjamin para pensar uma nova concepção de História.

**Palavras-Chave:** Benjamin; História; Tradição.

**Abstract:** The *Thesis on the Concept of History*, by Walter Benjamin, composes one of the most enigmatic and commented texts until present times. Written during an attempt of escape on behalf of Benjamin, from France to Spain, as well as under the shadow of the non-aggression pact between the USSR and Germany (Molotov-Ribbentrop), the thesis received countless intellectual interpretations. Until today, the *Thesis* present themselves as one of the most used texts amongst different areas of thought, in them, there are included elements regarded to the most diverse areas of the Humanities: History, Politics, Culture, Religion, Philosophy, those are all themes present, whether as inspiration or as object, in this last text written by the german thinker. And that is clear taking on account one of the main thesis in the text, the sixth one, on which we shall attempt an analysis by trying to present and articulate the diverse themes used by Benjamin to think an new conception of History.

**Keywords:** Benjamin; History; Tradition.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 14/09/2011 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 10/06/2012.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8420480471495950>. E-mail: [sturacy@hotmail.com](mailto:sturacy@hotmail.com).

## 1. A Tese VI

Antes de tudo, deve-se ter em conta que nenhum texto pode ser lido de forma maniqueísta. A problemática iniciada por grandes textos perpassam as referências nele contidas, estendendo-se para além das questões ali abordadas. Por isso é muito fácil que as interpretações sejam feitas de acordo com os interesses de cada intérprete. Tendo um caráter incompleto, as *Teses Sobre o Conceito de História* de Benjamin oferecem muitas possibilidades de interpretação. Alguns intérpretes tendem mais para a interpretação de cunho religioso, apoiados no viés místico-judaico do autor, outros pendem para uma interpretação de cunho marxista um tanto quanto ortodoxo, direcionada pela questão explícita do materialismo histórico e da reflexão sobre os movimentos de esquerda europeus.

As *Teses Sobre o Conceito de História* compõem um dos textos mais conhecidos de Benjamin. Em parte, tal conhecimento deve-se à própria recepção de Benjamin no Brasil, pois este foi um de seus primeiros textos publicados em nosso país. Por outro lado, o debate sobre o texto se deve também ao próprio caráter sedutor da escrita benjaminiana. As *Teses* são provavelmente um dos textos mais complexos da filosofia contemporânea, pois se utiliza de diversas fontes diferentes e, no entanto, não foi finalizado. Uma vez que Benjamin não pretendia publicar o texto da forma como a conhecemos, nos resta simplesmente a interpretação, a especulação, debruçando-nos pouco a pouco sobre as possibilidades oferecidas pela riqueza presente no pensamento do pensador alemão.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo uma leitura que permeie os principais referenciais contidos no texto. Para isso, tomaremos como base a Tese de número VI exatamente tendo em conta os diversos referenciais ali presentes, bem como a difícil dissociação entre uma tese e outra, na tentativa de conjugar as categorias mais importantes da reflexão benjaminiana da Filosofia da História.

Segundo a *Tese VI*,

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo. O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários. Para ambos o perigo é único e o mesmo: deixar-se transformar em instrumento da classe dominante. Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugar-la. Pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo. O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente *àquele* historiador que está perpassado pela convicção de que

também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer<sup>3</sup>.

## 2. Historicismo, Überlieferung e Teologia

A primeira observação a ser feita é a recusa de Benjamin a aceitar uma concepção de história que queira reproduzir o passado com exatidão, que queira fixar uma imagem “verdadeira” do passado. O historiador deve, antes de tudo, se apoderar de uma memória, de uma lembrança no momento em que esta lampeja em perigo. Portanto, é necessário se apoderar de uma memória cuja existência está em risco; uma memória que pode, a qualquer momento se perder, pois o perigo que a ameaça consiste exatamente aquele que a transforma em instrumento de dominação. É papel do historiador, neste sentido, subverter a versão dominante, trazer à luz a veracidade dos fatos, desviar-se da versão oficial para que o inimigo possa, em algum momento, deixar de vencer. E o perigo sobre o qual o historiador deve se debruçar é, conforme nos aponta Michael Löwy (2005; 66), enorme, pois extirpar

a tradição ao conformismo que se quer dominar é restituir à história – por exemplo a da Revolução Francesa ou a de 1848 – sua dimensão de subversão da ordem estabelecida, edulcorada, obliterada ou negadas pelos historiadores ‘oficiais’

Esses historiadores oficiais aos quais Löwy se refere, seriam os seguidores de certo historicismo burguês, tal qual denominado por Benjamin, que acredita na história como uma linha cronológica que se estenderia sempre em direção ao progresso. Como se as barbáries do mundo fossem etapas necessárias à realização da liberdade humana. Para os perdedores, a história é uma acumulação de catástrofes e não uma soma de glórias.

Essa reflexão é suficiente para que retomemos as principais bases presentes na reflexão benjaminiana deste momento. Primeiramente, Benjamin critica a noção burguesa sobre a historiografia - que é a presente em Ranke, por exemplo - que crê que a história “tal qual esta se realizou” é um conjunto de triunfos no qual se realizam as potências e as virtudes da sociedade, sendo empática aos vencedores. É essa concepção que, segundo Benjamin, alimentou o excessivo desenvolvimento da técnica e da dominação humana sobre a natureza, sem se dar conta de que os maiores progressos científicos podem sempre

---

<sup>3</sup> As referências às *Teses Sobre o Conceito de História* serão retiradas da tradução feita por Jeanne-Marie Gagnebin presentes no livro de Michael Löwy, *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo Editorial; 2005.

levar ao maior dos retrocessos sociais, como um trem cuja perfeição técnica é utilizada para transportar judeus a Auschwitz. É esse historicismo que Benjamin compara ao bordel, onde prostitutas tagarelam sempre “era uma vez” à espera do próximo que a dominará.

Uma vez que tudo o que é conhecido não é simplesmente por esse motivo compreendido, a tarefa do historiador materialista seria exatamente se conscientizar de que a história nos escapa; de que o relato sobre as coisas “tal qual” aconteceram já é algo historicamente distante. O risco maior - e o materialista histórico está ciente disso - é quando o passado tal qual o vemos, não se reconhece mais no presente, afinal, “é uma imagem irrestituível do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se reconhece como nela visado” (LÖWY; 2005:62). Mas ao mesmo tempo, “fixar” uma imagem do passado, isto é, torná-la imóvel, estática, implica desconhecer o presente.

O vencedor com quem o historiador burguês desenvolve uma questão de identificação afetiva (*Einfühlung*) transmite, numa forma de pseudo-tradição - cortejo triunfante do historicismo, segundo a Tese VII - os chamados “bens culturais”, noção à qual Benjamin possuía aversão, pelo fato de um “bem”, remeter à posse, posse remeter à propriedade e, portanto, ao uso restrito daqueles que exercem tal posse sobre algum dado da cultura. De acordo com Michael Löwy (2005), o materialista histórico, muito diferente do historicista, encontra sua identificação na *acedia*, em geral confundida com a preguiça, cuja imagem se encontra na citação de Flaubert: “*Peu de gens devraient combien Il a fallu être triste pour ressusciter Carthage*”. É nesta imagem que se vê o papel do historiador materialista e podemos pensar porque Benjamin tomava como exemplo aqueles que, ao agir desta forma, puderam interpretar a história do Rei Psamenita, se distanciando por completo de qualquer tradição historicista.

Vemos pelas teses centrais do texto, que para o autor, o motivo pelo qual o historicismo burguês vencera até então (e vence até hoje), se deve ao conformismo e conseqüente cumplicidade dos movimentos de esquerda da época. A social-democracia alemã fora conivente com o aspecto triunfalista do pensamento político e - com a derrota da Revolução Spartaquista e a morte de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht - eram poucas as resistências que faziam frente ao corpo político nazista que dominava a sociedade alemã e se espalhava pela Europa. Mas não é só a Social-democracia que Benjamin critica, uma vez que ele deixara de ver (se é que algum dia viu), alguma esperança no comunismo soviético, que lhe pareceu muito diferente da propaganda feita pelo Partido quando de sua visita a Moscou. Dez anos depois da morte de Benjamin, Karl Korsch escreveria “10 Teses Sobre o Marxismo Hoje”, das quais a segunda pode ser relacionada à

crítica de Benjamin ao marxismo ortodoxo: “*Today, all attempts to re-establish the Marxist doctrine as a whole in its original function as a theory of the working classes social revolution are reactionary utopias*” (KORSCH; [www.marxists.org.archive/korsch/1950/tem-theses.htm](http://www.marxists.org.archive/korsch/1950/tem-theses.htm))

Seja como for, a concepção anti-burguesa da história deveria surgir, para Benjamin, pela premissa de que as evidências históricas se tornam, com o tempo, menos evidentes. Por isso a questão da memória é importante. Não há, para Benjamin, nenhuma verdade eterna nem a-histórica. Segundo passagem de seu texto sobre Eduard Fuchs a obra do passado não está acabada<sup>4</sup>, sendo “obra” compreendida tanto como um feito passado quanto algo feito *pelo* passado. Se o perigo que ameaça a memória histórica ameaça não só os destinatários da tradição, mas seu conteúdo mesmo, a transmissibilidade e a própria tradição se voltam ao centro das reflexões de Benjamin.

Por que todo o mundo comunica as últimas novidades aos outros?  
Provavelmente para triunfar sobre os mortos. Isto apenas quando não há realmente nada novo.

“Tradição” vem do latim “*traderè*”, que significa “trazer”, “transportar”. No alemão, utiliza-se o termo de origem latina *Tradition*, mas Benjamin dá ênfase a um outro termo germânico: *Überlieferung*, cuja construção dá uma noção muito maior de mobilidade e de ação contínua, dado pelo sufixo “*ung*”. É preciso pensar a questão da transmissão como fundamental para a compreensão histórica, pois é na transmissão que se herda a tradição. Grandes escritores foram capazes de remeter a experiências reais, como Proust ou Leskow, por exemplo, e fizeram pensar aquilo que, na herança, nos é útil no presente, o que seria, para Benjamin, a tradição real. As origens da perda de transmissibilidade remontam ao desenvolvimento da sociedade industrial moderna, tão bem exposta em seu ápice por Baudelaire, na qual a vida do homem se tornou um aglomerado de choques causados pelo crescimento desenfreado das cidades e o pareamento do ritmo de vida ao ritmo mecânico do mundo do trabalho. Em algum momento no meio das transformações sofridas na vida cotidiana, o homem perdeu sua capacidade de transmitir suas experiências. Para Benjamin, a Primeira Guerra teria sido fundamental para esse empobrecimento de experiências, pois foi o momento em que o homem viu a técnica ser colocada no posto mais alto das sociedades, enquanto o seu corpo era reduzido ao epicentro de uma tecnocracia que a qualquer momento implodiria.

---

<sup>4</sup> “*Das Werk der Vergangenheit ist ihm nicht abgeschlossen*” – BENJAMIN, W. *Eduard Fuchs, der Sammler und der Historiker*. GS. II-2, p. 477.

Com a perda da transmissibilidade, o relato da história se tornou possível somente àqueles que se encontravam do lado dos triunfantes e, portanto, daqueles que se aliaram aos mais poderosos. O papel do materialismo histórico seria, a partir disso, resistir ao conformismo progressista tendo em vista a história dos oprimidos; enxergando não pelos olhos daquele que impõe o estado de exceção, mas daqueles que vivem este estado de exceção. É exatamente a crença no progresso que faz com que se creia que o fascismo não se vá repetir na atualidade. Mas ele não cessa de se repetir, e de triunfar. É preciso então que se juntem os rastros, os restos não intencionais de histórias que permanecem escritos em diversos lugares e de diversas formas.

A subversão do conformismo vem por essa tarefa em que se aliam ética e estética. É preciso erradicar a cultura de seu caráter de museu para que se possa “*substituer le réel à l’illusoire*” (BENJAMIN; 1971:12), isto é, substituir o fetichismo provocado pela mercadoria da sociedade industrial pela realidade, que se tornou um tanto quanto extra-sensível, da cultura e da história humanas. Com a transformação da cultura em um bem, o historicismo burguês positivista nivelou a tensão entre conhecimento e prática e entre crítica e história. Por isso Benjamin reivindicará uma dupla historicidade, que atue também como crítica e prática, uma historicidade

filológica primeiro, isto é, na esteira dos irmãos Grimm, ‘nunca considerar os teores materiais (*Sachgehalte*) independentemente das palavras que os exprimem [...] Em segundo lugar, uma historicidade mais epistemológica, uma historicidade da enunciação, isto é, uma reflexão sobre o lugar e o tempo do historiador presente e sobre sua relação com o tempo e o lugar do seu ‘objeto’ (GAGNEBIN; 2009:144)

É necessário, então, perguntar não sobre o que o passado poderia nos ensinar, mas como ele se torna interesse do presente e o que ele pode nos dizer sobre nosso presente. O que o historicismo faz é trazer o passado ao presente de uma forma trivial, atualizando-o, presentificando-o como repetição de um valor eterno passado que subsiste como tal ainda hoje. Por isso Benjamin cunha um conceito diferente de atualidade (*Aktualität*), que retoma como nos diz Gagnebin (2009:147), a outra vertente semântica da palavra, o vir a ser ato (*Akt*) de uma potência. Nesta concepção, atos passados e presentes, justamente por serem distantes, interpelam-se mutuamente numa imagem mnêmica de outra ordem de intensidade temporal. Não mais cronológica linear e causal, mas kairológica.

Se há uma inversão na noção de tempo histórico e esse passa a se pautar por uma ordem de intensidade, de acordo com o que podemos interpretar pela postura de Benjamin, então a memória de torna um papel importante na concepção de historiografia

que se pretende cunhar. O “historiador materialista de Benjamin desconstrói a imagem engessada da tradição e procura nas interferências do tempo, do passado e do presente, o sopro de outra história possível” (GAGNEBIN; 2009:157). Por isso a história é uma obra do passado: permanece em nossa frente e inacabada, pois o verdadeiro historiador saberá perguntar pela importância do passado no presente e, num instante de perigo, no instante do despertar, em que ainda não se conhecem conscientemente as coisas, ele verá no próprio presente o passado que o originou. Parece ser uma questão de, agindo da forma certa, muito mais permitir que o passado o encontre do que buscar pelo passado como alguém que perdeu algo.

Considerada a questão da *Überlieferung*, Benjamin compara a necessidade de transmissão à missão do Messias, que vem não só como redentor, mas como vencedor do Anticristo. O tema da Teologia é caro a Benjamin, e para que o compreendamos (pelo menos uma parte desta relação enigmática), devemos nos voltar à *Tese I*, na qual Benjamin traça um paralelo entre a teologia e o materialismo histórico. Na famosa metáfora do autômato, Benjamin conta a história de um boneco construído de tal modo que “a cada jogada de um enxadrista, ele respondia com uma contrajogada que lhe assegurava a vitória”. Na realidade, o que se passava é que dentro da mesa à qual sentava o boneco ficava um anão que, por um sistema de fios, mexia as peças através do boneco. O boneco é o materialismo histórico e deve sempre vencer, desde que tome a seu serviço a teologia, sem deixá-la à mostra, como o anão.

A primeira consideração que se deve ter é que o autômato é uma construção artificial e histórica. Partindo daí, a metáfora não trata de uma relação eterna, mas de um momento dado, afirmando metodologicamente a ideia de Benjamin de que não há verdade que não seja histórica. É interessante pensarmos, também, que Benjamin utiliza a Teologia na esteira de sua crítica ao marxismo da Terceira Internacional para confrontar o status dogmático a que havia chegado a doutrina marxista. Mas talvez fosse interessante pensarmos na Teologia a partir da crítica Marxista à religião, tal qual se encontra na *Ideologia Alemã*. Neste texto, Marx explicita sua concepção de que a instituição denominada “Religião” possui uma crítica imanente ao seu sistema, que é a crítica a determinadas representações religiosas em nome de outras. Assim, o cristianismo teria representado uma crítica em relação ao judaísmo, e o protestantismo, uma crítica em relação ao catolicismo. Uma autocrítica, por outro lado, pressuporia uma distância com relação às ideias religiosas em embate recíproco. Não obstante, essa distância seria tão-somente o resultado de uma crítica de caráter radical: a crítica à própria instituição denominada Religião. O que

podemos pensar é que, se tomarmos a crítica de Marx à religião, vemos que historicamente, esta instituição possui uma importância grande para os sistemas simbólicos e políticos das sociedades. Mas Benjamin aprofunda a reflexão sobre a religião ao diferenciá-la da teologia, ao cindir com a ideia de que Religião e Teologia são a mesma coisa. Já no texto de juventude *Sobre o Programa de uma Filosofia Por-Vir*, Benjamin propunha uma revisão da relação com a teologia pela instituição religiosa questionando a possibilidade de uma nova relação teológica representada numa experiência fundada no conhecimento puro, neutro em relação aos conceitos de sujeito-objeto (superando-os, portanto).

Muitas vezes, a relação entre teologia e messianismo no pensamento de Benjamin se torna uma tentativa de conciliação entre aspirações religiosas e lutas políticas. O que torna a interpretação perigosa. Para Gershom Scholem, por exemplo, amigo de Benjamin e grande estudioso da Cabala judaica, segundo a *Tese I* a teologia seria a grande regente da História. “No lado oposto, para Hans Dieter Kittsteiner [...] tratar-se-ia muito mais de fazer da teologia uma *ancilla philosophiae*, ou melhor, uma serva do materialismo histórico que a toma a seu *serviço*, como afirma a tese” (GAGNEBIN; 1999:193). Grande parte da interpretação mais religiosa da obra de Benjamin vem de algumas características presentes em seu pensamento desde a juventude: um desejo de memória e preservação, a desconfiança para com a tradição e o olhar voltado aos esquecidos pela historiografia burguesa, o que levou a uma teoria do conhecimento amparada, segundo seus intérpretes, “em uma concepção lingüística de origem teológica que opõe à arbitrariedade do signo a existência de uma língua originária” (GAGNEBIN; 1999:193), presente em sua interpretação do livro do Gênesis no texto de 1916 *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen* (Sobre a Linguagem em Geral e Sobre a Linguagem dos Homens), postulando um paradigma teórico de origem religiosa. Aí, segundo os intérpretes, a história humana teria início com a perda do paraíso originário determinada pela queda na incomunicabilidade, com a história de Babel.

Entretanto, a interpretação baseada no paradigma religioso é contestável, pois a leitura do Gênesis proposta por Benjamin no texto não parece ser a de descrever filosófico-historicamente ou filosófico-linguisticamente um paraíso perdido que realmente outrora existiu, mas sim de visar o resgate de uma outra concepção da linguagem humana quase esquecida, a saber, de que a língua humana é capaz de nomear, retomando a concepção



mística presente no judaísmo, no cristianismo, no islamismo e em diversas culturas religiosas<sup>5</sup>.

Outro texto fundamental para refletir sobre a relação entre as esferas religiosa e política é datado dos anos 20, o *Fragmento teológico-político*, que provavelmente remete à discussão com seus amigos judeus como Scholem e com certo marxismo como o de Ernst Bloch que em 1918 havia publicado *Geist der Utopie* (Espírito da Utopia). Como nos diz Jeanne-Marie Gagnebin (1999), no *Fragmento*, o Reino de Deus não é a meta (*telos* ou *Ziel*), mas o fim (*Ende*) da dinâmica histórica, o que anos mais tarde apareceria de forma correlata nas *Teses* ao dizer que o Messias não surge no final de um desenvolvimento, mas interrompe a História. Está presente aí a crítica à noção de um “vir-a-ser histórico (profano), cuja apoteose seria a vinda do Reino de Deus e, de maneira simultânea ou sinônima, a do Reino da Liberdade (o *Reich der Freiheit* de Marx” (GAGNEBIN; 1999:196). É neste ponto que podemos, com Gagnebin (*idem*), distinguir a teologia da religião. Benjamin foi impregnado de motivos teológicos, mas manteve uma distância crítica da religião, compreendida como um conjunto de doutrina e práticas. A teologia, por outro lado, um discurso paradoxal, um discurso ou saber sobre Deus; processo consciente sobre algo que escapa a qualquer objetividade consciente.

A mesma teologia é para Benjamin, pequena e feia, humilde, discreta e quase evanescente e é, no pensamento de Benjamin, absorvida pelo mundo profano da política. Nas palavras do *Fragmento teológico-político*, onde vemos essa profanação presente, o Messias leva a cabo sua relação com o próprio messiânico, aparecendo quando já não é mais preciso e, por isso mesmo, marcando não o último dia, mas o dia derradeiro. Pois a libertação e felicidade terrestres só podem se enunciar na prosa libertada do próprio mundo terrestre. Mais ainda, retomando o paradoxo teológico acima descrito, Benjamin faz da Teologia um aparato crítico que não propõe respostas às perguntas humanas, mas destrói, corrói os sistemas lógicos, especulativos ou políticos.

“No âmbito mais amplo desse último texto de Benjamin” – as *Teses Sobre o Conceito de História* – “o de uma luta renhida contra a ideologia do progresso que impede as forças de esquerda [...] de combater o fascismo, a teologia cumpre o papel de salutar antídoto contra as ‘crenças’ de boa parte do proletariado e da esquerda: ou seja, acreditavam estar caminhando ‘no sentido do curso’ da história (GAGNEBIN; 1999:201).

---

<sup>5</sup> Há uma tradição Islâmica, por exemplo, que diz que Adão falava em versos. Muito sobre o simbolismo da linguagem humana pode ser conferido em dois artigos particulares de René Guénon. “O Verbo como Símbolo” e “A Linguagem dos Pássaros”. Cf. GUÉNON, René. *Os Símbolos da Ciência Sagrada*. São Paulo: Editora Pensamento; 1993.

O Messias, então, o vencedor do Anticristo, parece ser a instância do pensamento que desperta os homens dos dogmas. Sejam eles da política ou da religião. A afirmação da *Tese VI* parece confirmar a ideia de que a Teologia tem, no pensamento de Benjamin, a função crítica de distanciar os homens das certezas aparentes, como a certeza da social-democracia de que o fascismo não seria capaz de impedir sua marcha progressista. Marcha tão bem explícita na figura de Franz Biberkopf, personagem principal de *Berlin Alexanderplatz* de Alfred Döblin, que, ao sair da cadeia após 4 anos, se percebe incapaz de se readaptar à sociedade alemã, buscando saídas na religião e na política, principalmente no nazismo, mesmo tendo um passado “vermelho”<sup>6</sup>.

Materialismo histórico e Teologia se unem, então, de acordo com a *Tese I*. O materialismo vencerá sempre. Contanto que tenha consigo, escondida, a Teologia, reconhecendo por essa união, a fraca força messiânica a que todo passado tem pretensão. Parece existir, pois, uma vontade de história, se assim podemos chamar, construída nas “vozes a que damos ouvidos” (*Tese II*). E essa vontade se resume no agora. E, se buscarmos no Trabalho das Passagens, encontraremos algo que pode nos ajudar a pensar de que modo pode essa fraca força messiânica vir à tona pelo materialismo histórico. O materialista histórico deve ser capaz de, em vez de passar (*vertreiben*) o tempo,

convidá-lo (*einladen*) para entrar. Passar o tempo ou matar, expulsar (*austreiben*) o tempo: o jogador. O tempo jorra-lhe dos poros – Carregar-se (*Laden*) de tempo como uma bateria armazena (*lädt*) energia: o flâneur. Finalmente, o terceiro tipo: aquele que espera. Ele carrega-se (*lädt*) de tempo e o devolve sob uma outra forma – aquela da espera (BENJAMIN; 2009:148).

Esse tempo carregado de energia parece ser a forma da história, não mais meramente cronológica e linear, que o materialismo histórico despertará. Mas agora, tratamos explicitamente da concepção de história e historiografia que Benjamin, com as *Teses*, procura postular.

### 3. Conclusão: Nietzsche, Esquecimento e Redenção

<sup>6</sup> É curioso lembrarmos que até a mesma época, a descrença de Benjamin nos movimentos de esquerda eram comunicados também por Miguel de Unamuno (que morreu 4 anos antes de Benjamin, já velho porém ativo), cuja reflexão sobre os tempos turbulentos da Espanha de fins do Século XIX havia começado com seu romance *Paz en la Guerra* (1895). De forma diferente, pois Unamuno abandonara seu passado socialista, algo que Benjamin nunca fez, o filósofo espanhol também viu como tarefa crítica da Filosofia e do comportamento político dos homens, uma nova reflexão à luz da Teologia, que segundo ele poderia transcender as certezas científico tecnológicas da sociedade industrial.

“Que seria de nós se não existisse o deletur,  
suspirou o revisor”

As *Teses* se firmam, pelo que pudemos ver por aqui, por uma série de características marcantes: uma reflexão em que teologia e política se aliam; uma crítica à competência da esquerda do começo do Século XX; uma avaliação da concepção política da historiografia dominante; e o esboço de síntese de uma nova ideia de história, permeada por noções teológicas, marxianas, românticas e nietzscheanas. É claro também que, por seu caráter inacabado, as *Teses* permanecem um tanto quanto obscuras e comentar qualquer uma destas implica em comentar quase todas as outras.

Pelo que vimos até agora, para que tentemos compreender a *Tese VI*, é necessário recorrer às fontes utilizadas por Benjamin para sua reflexão, a saber, as acima citadas, mas para interpretarmos a ideia final, de que é necessário atear uma centelha ao passado, para que os mortos descansem e o inimigo seja derrotado, é necessário nos arriscarmos e ir além das fontes.

A História, pelo que fica presente em nosso comentário, é fundamental. Mas a História dominante tem sido aquela que acreditava estar marchando não em direção, mas ao lado do progresso, quer dizer, uma história que acreditava ser o melhor dos mundos possíveis, como se mirasse o desenvolvimento final da história e marchasse em sua direção pelo melhor dos caminhos possíveis, realizando apenas os males que fossem inevitáveis, como o Deus pensado por Leibniz. Para Benjamin, isso não é verdade. Os homens que fizeram a história, que contaram a história, jogaram para baixo do tapete e se tornaram cúmplices de todas as injustiças e mortes causadas em nome do progresso. Até hoje, essa é a História que tem dominado, empática aos vencedores que se proclamaram ao longo dos séculos os responsáveis pelo progresso da humanidade.

Para uma nova concepção de história, uma história à contrapelo, é preciso então pensar um novo tipo de relação com a memória, com a cultura, com a política. Benjamin retoma grande parte do pensamento de Nietzsche nas *Considerações Extemporâneas*. Tanto que um trecho da 2ª *Consideração* serve de epígrafe à *Tese XII*. Nietzsche já havia combatido o desejo de conservação e veneração do passado, aquele tipo de nostalgia que impede que o tempo prossiga,

que ele identifica como um ato de piedade do historiador em relação às suas próprias origens, como se quisesse agradecer pela sua existência e como se fosse necessário, para saldar sua dívida imaginária com os pósteros, legar a eles a descrição de um passado harmonioso e feliz (CHAVES; 1998:22)

O que transforma o passado em artigo de museu.

Nietzsche vê, também, um desejo de se retornar às origens, de “repetir”, segundo Chaves (1998), essa origem. O que só pode se dar à custa do apagamento do que há de dor, terror e desgraça na história. Não só, o que esses historiadores fazem ao tentar fazer justiça ao passado, criando a ideia de objetividade, é simplesmente ajustá-lo às trivialidades do momento. São esses historiadores que transformam o “atual” no juiz do passado pelo ideal do progresso. Muitos deles hegelianos, tais historiadores preconizam o fim de uma História Universal, colocando-a “como única soberana no lugar de outras forças do espírito como a arte e a religião” (CHAVES; 1998:23). Por fim, segundo Ernani Chaves (1998: 23), Nietzsche identifica “o ‘sentido histórico’ no sentido do Historicismo [...] como uma ‘atitude passiva e retrospectiva’ que apenas o ‘esquecimento’ pode interromper”.

Poder esquecer se torna, então, necessário. Não há memória se não há esquecimento. A “memória abre todas as suas portas e, no entanto ainda não está suficientemente aberta” (NIETZSCHE; 1978:64). Mas é preciso fazer desse esquecimento uma potência ativa, que crie e recrie as instâncias aparentemente imóveis da linha do tempo cronológico.

Por essa ideia, Benjamin subverte, de forma ousada, a “tradição que dos oprimidos que repousa sobre o “nivelamento da continuidade, mas sobre os saltos, o surgimento (*Ursprung*), a interrupção e o descontínuo” (GAGNEBIN; 2007: 99), o que claramente se mostra como uma crítica tanto ao historicismo quanto à historiografia marxista, tornada então aquela espécie de história “que toma os grandes impulsos de massas como o mais importante e o principal na história” (NIETZSCHE; 1978: 70), pensando a história e o desejo de salvação como algo impossível de se dizer no fluxo da *Erinnerung* (a recordação) e da *Universalgeschichte*. É preciso se agarrar às asperezas dos momentos em que a história triunfalista interrompe a *Überlieferung*, momento em que o indício de verdade pode ser apreendido não pelo seu desenrolar, “mas pelo contrário, naquilo que ao mesmo tempo lhe escapa e a escande (a narração histórica), nos seus tropeços e nos seus silêncios, ali onde a vez se cala e retoma fôlego” (GAGNEBIN; 2007:100).

A cesura irrompe como componente primordial para a narração histórica. Torna-se uma figura privilegiada por ser um movimento duplo: irrompe de fora, de uma decisão subjetiva do historiador ou do crítico, mas também “escande muito mais profundamente o movimento mesmo do logos; ela é expressão daquilo que, paradoxalmente, funda nossa linguagem e a entrega ao aniquilamento” (GAGNEBIN; 2007:101). Neste movimento, deve-se combater a ideia de uma *Erinnerung* totalizante e infinita por um esquecimento ativo

que faz implodir o movimento da recordação, que inscreve as lacunas obscuras, o vazio daquilo que a *Erinnerung* não é capaz de recordar. É esse esquecimento que fará com que, ao contrário do personagem de Saramago (2002:13), posamos, um dia, ousar “conhecer os tentes e hesitações de Camões e Dante”.

A título de conclusão, esperamos ter identificado os aspectos principais para que se considere um início de interpretação do texto benjaminiano. Compõem estes aspectos o contexto político vivido por Benjamin quando da redação do texto, a crítica às ideologias burguesa e marxista ortodoxa, a tradição de uma teologia em seu viés um tanto quanto profano, e a aliança entre estes termos e a reflexão sobre memória e esquecimento, unidos por um panorama nietzscheano que remonta à juventude de Benjamin.

A *Tese VI*, decantada como foi neste texto, ilustra bem a articulação destes termos para a reflexão de Benjamin. Fica claro, pela leitura aqui feita, que o autor preocupa-se antes de tudo, com uma nova concepção de história, que possa, de algum modo, salvar a todos, inclusive aos mortos que não poderão descansar enquanto o inimigo não parar de triunfar. Na esteira do historiador materialista do qual Benjamin trata, estão também o crítico e o tradutor autênticos e o desejo de todos é sempre a salvação, isto é, “*mais que a conservação piedosa do passado e das obras, mais que sua preservação*, para sempre nos arquivos e nas bibliotecas da memória”<sup>7</sup> (GAGNEBIN; 2007:112). A conservação e a preservação são necessárias, mas não são o suficiente para garantir a salvação, um certo “fazer jus a” história dos homens. A salvação é na verdade a redenção, a *Erlösung*, definida por Benjamin não somente como a libertação, mas o desenlace, a dissolução que põe fim e aniquila, consome obras e história.

Essa *Erlösung*, essa redenção, demonstra a importância da ideia do tempo messiânico para Benjamin. O materialista histórico deve interferir na história pelo momento que lampeja já prestes a desaparecer, assim como a porta estreita pela qual o Messias virá, pois no fim, o “homem cria-se a si mesmo no processo histórico iniciado com o seu primeiro ato de liberdade – a liberdade de desobedecer – de dizer ‘ não’” (FROMM; 1981:74) A função do materialista histórico se une à luta pela superação dos processos de alienação e reificação sim – de uma forma diferente da do marxismo ortodoxo – que só ocorrerá pela própria ação humana. O tempo messiânico não é a abolição da história, mas o passo seguinte. Também ele é História. É a justiça daquilo que a História deixou para trás. E nele, os mortos estarão em paz, pois a vida triunfará sobre a morte.

---

<sup>7</sup> Grifo da autora.

E o historiador, o crítico e o tradutor autênticos, são fundamentais para esse *ha-olam ha-ba*<sup>8</sup>, o mundo por-vir garantido pelo salto do tigre, ao agarrar o guerreiro em fuga pelos cabelos, ao apoderar-se de uma imagem e articulá-la, não dominá-la, para que a História se transforme em mais do que uma coleção de bens ou triunfos, mais do que um tesouro ou artigo de museu.

A *Tese VI* parece resumir bem todos os componentes necessários à leitura e interpretação da reflexão benjaminiana da história. Seu cerne expressa a necessidade de uma nova relação com o tempo, de uma revisão da pretensa herança até hoje transmitida pelo historicismo e pelo marxismo, uma concepção de história que se alie politicamente à teologia. Tange também a questão da memória à qual é possível retomar a *mémoire involontaire* de Proust. Com essas categorias fica possível pensarmos na missão do materialista histórico e a analogia ao Messias, redentor da humanidade que, pela interrupção, suspende a História. Para concluir, poderíamos talvez citar uma epígrafe que abre um romance de José Saramago. Nele, um revisor de texto decide mudar a história de Portugal ao inserir um modesto ‘não’ na revisão de um texto sobre um dos episódios mais importantes da história de Portugal, o Cerco de Lisboa. O modesto parágrafo, retirado do “Livro dos Conselhos”, parece ilustrar no caminho correto o papel do materialista histórico por essa nossa reflexão sobre a Filosofia da História de Benjamin:

“Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se não a corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes”.

---

<sup>8</sup> O *Ha-olam ha-ba*, o mundo por-vir, é citado por Fromm para diferenciar a ideia de um mundo evolutivo que deve ser a meta, o *be-abarit ha-yamim*, e um mundo que representa o fim mesmo que chegará com o Messias.

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs, der Sammler und der Historiker. In. BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften. II-2*. Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser (Orgs.). Frankfurt a. M. 1974.

\_\_\_\_\_. Histoire Littéraire et Science de la Littérature. In BENJAMIN, Walter. *Oeuvres II. Poésie et Révolution*. Paris : Éditions Denoël, 1971.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG, Imprensa Oficial; 2009.

FROMM, Erich. *O Espírito de Liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar editores; 1981.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. Walter Benjamin: estética e experiência histórica. In. ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (orgs.). *Pensamento Alemão no Século XX. Grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify; Goethe Institute São Paulo; 2009.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de história'*. São Paulo: Boitempo Editorial; 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações Extemporâneas. In. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural; 1978.

SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.

## Periódicos

CHAVES, Ernani. *Considerações Extemporâneas Acerca das "Teses" Sobre o Conceito de História, de Walter Benjamin*. UFPA: Humanitas, v. 14, n. 1/2. Jan./Dez. 1998.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Teologia e Messianismo no Pensamento de W. Benjamin*. USP: Estudos Avançados 13 (37), 1999.

## Internet

KORSCH, Karl. *Ten Theses on Marxism Today*. In: [www.marxists.org/archive/korsch/1950/ten-theses.htm](http://www.marxists.org/archive/korsch/1950/ten-theses.htm). Acessado em 10/07/2011